

41º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação  
e Pesquisa em Ciências Sociais

Simpósio de Pós-Graduação nº14

**Famílias na contemporaneidade: migrações e trabalho**

***“Nascido e criado”: mobilidade, pertencimento e idioma do parentesco***

***Roberta Brandão Novaes***

## **Introdução**

O que faz com que as pessoas permaneçam, fiquem, retornem ao norte de Minas Gerais, de modo mais definitivo ou por temporadas mais curtas em um contexto de *idas e vindas*<sup>1</sup>, ou depois de 20 anos *fora*, em *São Paulo*, no *sul*, no *mundo*, no *trecho*, não obstante ser o semiárido mineiro, na descrição de diversos agentes, e por aqueles e aquelas que lá são *nascidos e criados*, um *lugar fraco, fraquinho, fracassado demais*? Esse artigo é um indicativo de algumas das reflexões trilhadas para responder à questão colocada, parte de uma problemática mais ampla da pesquisa feita para a tese de doutoramento.

Um punhado de comunidades camponesas dos municípios limítrofes Januária e Itacarambi, norte de Minas Gerais, constitui o cenário etnográfico neste texto retratado. Naquelas coletividades, apurei um significativo movimento, em especial para Ribeirão Preto e São Paulo, mas também para outras cidades do interior paulista e regiões, como o sul de Minas Gerais, Alto Paranaíba, Mato Grosso. O meu argumento é que a noção de feitura do pertencimento é heurísticamente eficaz para compreender os deslocamentos e as permanências daquela gente.

Na primeira parte desse artigo, exponho o que qualifico como uma visão mais externa sobre o norte de Minas. Chamo de visão externa as formulações de funcionários e representantes de organizações diversas - não governamentais, instituições públicas, ambientais, de extensão rural, ligadas à igreja católica – que atuam na região, ainda que muitos desses agentes tenham *nascido e criado* no norte mineiro. Em um segundo momento, exponho a visão dos moradores e moradoras das áreas rurais daquelas localidades. Evidenciando essas duas maneiras de perceber o lugar pretendo demonstrar que as formulações “de fora” e “de dentro” não necessariamente se encontram. Na terceira parte, explicito as diferentes *fraquezas* descritas.

Se externamente o semiárido de Minas Gerais é visto como o lugar da pobreza, não é exatamente nesses termos que seus habitantes enxergam o seu

---

<sup>1</sup> Neste texto, o uso do itálico marca os termos nativos; aspas simples indicam expressões e noções de autores e autoras mencionados; o emprego de aspas duplas é feito para destacar categorias minhas ou fora do sua aplicação comum.

mundo, descrito, ao mesmo tempo, como o lugar da fraqueza e do fracasso, mas também do sossego, da parentagem, da vizinhança, da amizade, dos conhecidos, da paz, da confiança.

## **1. O norte de fora**

Januária<sup>2</sup> fica no norte de Minas Gerais, em uma área de transição para o denominado “polígono da seca”. Está localizada à margem esquerda do Médio São Francisco, na chamada Depressão São Franciscana. Em sua vegetação, há predominância de cerrados. O norte mineiro está entre as áreas críticas de proteção da água doce no Brasil. Januária é banhada pelos rios São Francisco, Pardo, Pandeiros, Caririnha, possuindo também inúmeros riachos e lagoas. A questão das suas águas e rios não é pouco relevante nesse contexto, uma vez que a seca dos rios e a escassez de chuva são de modo constante atribuídas como um elemento da pobreza e da *fraqueza* do lugar.

No norte mineiro, em termos climáticos, há uma prevalência do tropical, com chuva nos meses de novembro a março, muito embora, como se verá, sejam recorrentes e significativos os relatos de agricultores sobre a alteração do regime pluviométrico mais recentemente (PEREIRA, 2013, pg. 652).

Como apontou Ribeiro (2010, p.23), desde os mil e oitocentos, o norte de Minas Gerais congregou singularidades em termos sociopolíticos e culturais. Pertenceu à capitania de Pernambuco; esteve sob ingerência baiana, e no século XX tornou-se parte de Minas Gerais. Houve ainda, naquele último século, iniciativas separatistas, com o intuito de criar um estado do São Francisco. Outrossim, historicamente, aquela engendrou-se antes de tudo como região sãofranciscana, sempre referenciada ao rio homônimo.

Nos últimos três séculos, no norte mineiro, elaborou-se identidade e pertencimento próprios. A isso, conjugam-se duas razões: a ascendência de

---

<sup>2</sup> A estimativa populacional de Januária referente ao ano de 2015 era de 68.247 pessoas, e de Itacarambi era de 18.383 habitantes. Tanto Januária quanto Itacarambi são banhadas pelo Rio São Francisco. Privilegio aqui as informações sobre estes dois municípios porque foram aonde se concentrou meu trabalho de pesquisa. Fonte: <http://www.ibge.gov.br/home/>.

bandos armados sob o jugo de poderosos locais, que infligiam sua concepção de ordem e justiça naquela jurisdição, os chamados *potentados do sertão*, como lhe apetece chamar a historiografia do São Francisco; de outro, havia a especificidade de um arranjo produtivo baseada nas lavouras de sequeiro nas matas, na exploração agrícola intensiva das áreas úmidas e no uso das chapadas de gerais e das matas secas para criação de gado e agroextrativismo (Ribeiro, 2010, p.23).

As formulações sobre o semiárido e seus rios, a história das secas, das árvores, plantas, roças, frutas, chuvas, solos se cingem ao discurso da recuperação ecológica, da necessidade de geração de renda e combate à pobreza que se capilariza com a profusão de projetos, atores e organizações que ali se estabeleceram.

Uma primeira situação registrada em campo que é interessante para pensar sobre diferentes sentidos da mobilidade espacial. Seu Gabriel<sup>3</sup>, um ex-sindicalista morador de Januária, atuava há 27 anos da Pastoral dos Direitos Humanos. Da primeira esposa, de quem enviudara, teve 14 filhos. Seu Gabriel ficava 'rodando' entre a casa onde residia com a nova esposa e as casas dos filhos que estavam *fora* e dos que ficavam em seu sítio. Em uma conversa na varanda de sua casa, o professor<sup>4</sup> que me acompanhava e que me apresentou a seu Gabriel iniciou contando que eu estava interessada em fazer uma pesquisa sobre migrantes e que ele talvez tivesse algo a dizer sobre isso e pudesse me indicar alguém para conversar.

De fato saía muita gente da região para trabalhar na colheita de café e no corte de cana, dizia nosso interlocutor. Porém, não obstante o conhecimento de gente e histórias, ele não conhecia mais nenhum migrante a quem pudesse me apresentar. Para que nossa conversa não se esgotasse, já que de migrantes seu Gabriel não sabia mais, enveredei a indagar sobre a família. Além dos filhos que estavam no sítio, seu Gabriel também tinha outros vivendo em Brasília e Goiás. Os filhos haviam ido *arranjar serviço* naqueles outros lugares.

---

<sup>3</sup> Neste texto, todos os nomes de pessoas são fictícios.

<sup>4</sup> Sem o apoio dos professores Eduardo Ribeiro (UFMG) e Flávia Galizoni (UFMG) essa pesquisa não teria sido possível.

Os filhos do ex-sindicalista estavam em outros estados *caçando serviço*, mas não eram migrantes. O que isto sugere é que, se de um ponto de vista externo e generalizante aquele movimento poderia facilmente ser tido como migração, aquelas pessoas não o formulavam assim.

Durante o trabalho de campo, nunca ouvi que ali houvesse migrantes. Havia sim, gente que *saía pra fora, andava pelo mundo, estava no trecho, ia caçar melhora, ia conhecer*. Esse assunto invocava necessariamente: a seca dos rios ocorrida desde há um tempo, o que era diferente do *tempo antigo*; mas o lugar ali era *fraco, fracassado demais*; o *porém* era somente esse; porque ali era *bom, viu? Lugar sossegado, não tinha violência, não tinha nada; apesar de que agora estava chegando. Mas lugar bom era São Paulo! Mas São Paulo era bom pra ganhar dinheiro. Mas agora, nem tanto. Só pra quem tem estudo. E era perigoso!*

A atuação da Cáritas Diocesana e outras organizações eram fundamentadas numa perspectiva de valorização do semiárido. Boa parte da minha pesquisa de campo foi feita com o suporte da Cáritas e seu corpo de funcionários e coordenadores, que viabilizaram a minha inserção nas comunidades rurais e o contato com os agricultores e agricultoras.

Sara foi a primeira pessoa que conheci na Cáritas. Ela era coordenadora de um programa de apadrinhamento e desenvolvimento de atividades voltadas para crianças e jovens financiado por uma organização germânica. Ela atuava em uma comunidade bastante afastada da sede do município e em uma região considerada mais pobre. Não tinha como o jovem ficar naquela comunidade, me dizia Sara. Ali, quase todo mundo saía, pois *não tinha serviço*, não tinha como *caçar uma melhora*.

Rui trabalhava em outro projeto da Cáritas, que se encerrava em 2013. Desde as décadas de 70, 80, a prática de sair diminuiu na região, explicava-me, por causa do plantio de eucalipto para a produção de carvão. Se, por um lado, houve a degradação ambiental derivada das carvoeiras, por outro, de todo modo, isso representou uma possibilidade de renda para os moradores do local. A proposta do programa que então desenvolvia em Januária e arredores era

*promover a sustentabilidade sem agredir o meio ambiente*; criar oportunidades de ganhar dinheiro ali, sem ter que ir a São Paulo ou outros lugares:

Não existe mais essa prática. Porque através do projeto, eles começaram a trabalhar com outras rendas, outras formas de estar produzindo a sua própria sustentabilidade, sem agredir ao meio ambiente. A criação de abelha, a criação de suíno, avicultura. E a prática da criação de abelhas foi exatamente pra coibir o desmate e a queima do nosso cerrado pra carvão. Então isso aí foi uma coisa fundamental para que essas pessoas tivessem um outro tipo de renda sem agredir ao meio ambiente.

Porém, naquela comunidade de Sara as saídas permaneciam. Uma questão se pronunciava: as políticas ali desenvolvidas afetavam a dinâmica daquelas localidades? Dito de outra maneira: criar *alternativas de geração de renda no local* faz com que as pessoas desistam de *sair*? Ou *andar no mundo* assume outros significados que não apenas buscar a produção da existência porque se vive em um lugar pobre e sem alternativas?

## **2. O norte de dentro**

Seu Percival, morador do Vale do Peruaçu, Januária, havia recém chegado de São Paulo. Contudo, não pensava mais em *sair*, queria estar na sua casa, não queria ficar tanto tempo lá fora; queria estar ali:

Eu amo tanto o meu lugar, que eu cheguei ontem. Em torno de uma hora, uma e pouca, dei uma voltinha aqui dentro de casa, cumprimentei a mulher, quando pensa que não, eu já estava lá no brejo. Olhando a natureza, o que a gente plantou, se ninguém veio destruir.

Os irmãos de Hebe, da mesma comunidade que Percival, moravam quase todos em Ribeirão Preto. Uma das suas irmãs morava em Matão, e a outra morava em Hortolândia.

A mais distante sou eu mesmo. Que retornei no meu *lugarzinho*.

Hebe foi *nascida e criada ali*, naquela comunidade, aquele era o seu *lugar certo*. Já estava acostumada com o seu *lugarzinho*, a viver daquele jeito: *simples, humilde*. Estava tentando *levar a vida ali*, assim como preferia que seus filhos *progredissem a vida ali*, sem *sair pra fora*, pois o sonho dos pais era sempre manter os filhos próximos.

Dona Indira, a mãe de Marcel, era outra nascida e criada naquele pedacinho de terra, em lugarejo contíguo ao de Hebe e Percival.

- E a senhora sempre viveu aqui?

- Graças a deus!

- Então a senhora gosta de viver aqui?

- Se eu gosto?

- É.

- Uá, meu sonho, quando eu era jovem, era de conhecer o mundo! Trabalhar, pra mim adquirir o que eu tinha vontade. Não tive essa oportunidade! Agora, depois de velha, serviço nem pra varrer rua, eu não acho mais na cidade! Então eu tenho... Não é porque eu quero... E eu gosto daqui! Graças a deus, não tenho o que reclamar. No dizer do outro... Nasci e criei aqui, gosto daqui, e aqui mesmo que eu vou acabar o resto da minha vida, que sair pra fora... Não tem condições.

(...)

- Por que aqui é um lugar bom?

- Porque graças a deus é um lugar sossegado; um lugar, graças a deus, todo mundo conhece todo mundo; não tem... Às vezes pinta, essas bandidagens que tá aí no mundo, mas aqui é um lugar muito bom! Todo mundo conhece todo mundo, é um lugar

tranquilo! É um lugar que você pode abrir a porta... Tem região aí que você não pode nem abrir a porta. Aqui, você é mulher aí, você anda na rua, você pode andar pra cima e pra baixo. Todo mundo te respeita.

Então o norte de Minas era um *lugar bom, bom demais, uma maravilha*, avaliava. Dependia era de ter serviço para os jovens, dizia dona Indira.

Jorge gostava dali, do *lugar, da sua profissão*, que era trabalhar de *vaqueiro*. Ele estava acostumado a trabalhar com gado ali no norte mineiro. Não gostava de outro serviço, como colheita de café. Ter de sair dali, ir lá fora, para *trabalhar em outro serviço não dá certo*. E concluiu:

Gosto do lugar aqui, e vou ficar por aqui mesmo. Não vou sair mais, não.

Seu José havia *nascido* em São João da Ponte<sup>5</sup>, mas foi *criado* em Januária. Ele se mudou para Itacarambi no final dos anos 70, e depois para um localidade rural daquele município. Durante sua mocidade, viveu sempre pelo norte de Minas. Da localidade para onde se mudou, ficou por ali, *tomou conhecimento*, foi trabalhando, trabalhando. Adquiriu família. Mas era só ali. De uns anos para cá, é que estava *saindo pra fora*, por causa das crises de chuva. Geralmente, contava-me seu José, *esse lugar nosso é um lugar muito bom, muito bom mesmo*. Se ali chovesse bastante, como antes, ele não sairia pra fora. *Ficar fora da sua família, ficar fora do seu povo, dos conhecidos todos?* Seu José não o desejava.

Se ali fosse bom como era de primeiro, de jeito nenhum ele abandonaria o que era seu para sair pra fora. Mas depois que as coisas ficaram difíceis... Plantava-se uma roça, não dava; seu José sequer animava-se a trabalhar para si. Se Deus o ajudasse e ele não precisasse mais sair, seria bom. Mas se

---

<sup>5</sup> Município próximo.



precisasse, não teria outro jeito. Em suas *saídas*, ele havia *tomado conhecimento* com o pessoal do sul de Minas:

- Mas por que o senhor voltou agora, pra cá?
- Eu voltei porque eu estava muito tempo fora de casa e deu saudade... Eu tenho que ir em casa, né?

Posteriormente, ele agregou à explicação o casório de um de seus filhos, como fator da volta.

Dona Helena, sua esposa, estava decidida: não sairia mais. Ela havia ido ao sul de Minas, apenas para *ver como era, tentar. Seu lugarzinho era ali mesmo*. Seu marido, que na época em que conversei com ela pela primeira vez continuava no sul, havia lhe telefonado pedindo que vendesse a casa em que moravam e fosse embora de vez para lá. Dona Helena optou por não fazer o que lhe pedia o marido; permaneceria ali, no norte de Minas. Ela já havia plantado seus canteiros, estava criando suas galinhas; não gostava de cidade, além do mais, ali era um lugar muito sossegado.

Na roça é bom pra gente morar, dizia-me dona Joice, esposa de seu Guido, que saiu muito pra São Paulo. Mas para ter uma vida assim *de mais alta*, no norte de Minas, só mesmo pros *fazendeiros!* Esses tinham o seu *gadão*, podiam vendê-lo. Mas ela e seu marido viviam bem, porque o lugar ali era sossegado.

- Seu Guido: O sentido meu... Eu ia pra lá (São Paulo), mas o sentido meu ficava mais aqui. Lá era um lugar bom de a gente conviver, mas pra morar lá, eu não queria, não. Aqui o lugarzinho da gente é fraco, mas é bom de viver. A gente vive sossegado. Trabalha o dia que quer. Você pode andar como quiser aí, não tem impedimento nenhum. Então a gente ama o lugar da gente por causa disso aí.

A afirmação de que o lugar ali era sossegado, não tinha violência, ladrão ou drogas, foi por vezes contrariada, quando algumas pessoas me diziam que (a violência) *já estava chegando*. Pouco tempo antes uma das vendas da comunidade em que fiquei por mais tempo no Peruaçu havia sido assaltada, episódio que me foi relatado por vários moradores, alguns dos quais, inclusive, haviam sido rendidos durante o roubo.

Como me disse Danilo sobre as localidades do Peruaçu que formavam um contínuo entre si (eram 14): *cada lugarzinho tinha um nome, mas era tudo familiar ali*. Se eu andasse de cima a baixo, veria que era *uma família só, tudo misturado, tudo parente, uma parentagem só!* Um emboleiro, falou-me Vilma, outra agricultora, em outra ocasião:

Aí eu falo assim: Fulano é meu parente. Mas acaba que todo mundo aqui é parente um do outro. Até quem você não conhece, acaba sendo parente. O que não é primo, é sobrinho; o que não é sobrinho, é tio; o que não é tio, é cunhado! É cumadre! É não sei o quê! E vai assim, tudo assim!

E ainda, em outra conversa, com o casal Carlos e Abigail, ao perguntar sobre moradores próximos, eles me disseram: “(...) são nascido e criado aí, são amigos, mas o sobrenome deles não é o mesmo que o nosso, não. Não são parente nosso, não”. Seria gente de *outra nação*. Também tinha outro pessoal, contava-me seu Carlos, que era *parente, mas um parentinho mais terceirizado pra lá*. Ele e a mulher eram *primos carnais*: a mãe de seu Carlos era irmã do pai de dona Abigail. Esses casamentos entre *primos carnais* eram frequentes naquelas localidades.

Vieira (2015, p. 46) nos conta sobre o que significava ‘tocar parenteza’ na elucubração nativa por ela investigada: uma performance de conexidade que atualiza alguns vínculos de uma rede de cognação indefinidamente extensível.

Um exercício muito comum que pode, por fim, descobrir ligação entre pessoas cujo vínculo de parentesco não era conhecido e

novos pontos de contato entre já reconhecidos parentes. A parenteza remete à possibilidade de conexão virtual entre os moradores das comunidades (Vieira, 2015, p. 48).

Aproximo a análise de Vieira das formulações de meus informantes. A abordagem sobre o parentesco encontra nesse ponto a feitura do pertencer. O exercício da conexão dos vínculos do parentesco, com o qual também me deparei (a despeito de não ter sido na precisa expressão ‘tocar parenteza’) remete a uma das formas de fazer pertencimento: a elaboração do parentesco, que não tem a ver exclusivamente com uma questão genealógica ou de “sangue”. Ou ainda o “sangue” não se reduz à “biologia”, ele é também uma imbricação do social.

Em um diálogo com Danilo e o amigo/primo/vizinho Natanael, que me foi apresentado por aquele, os dois seguiam tentando fazer com que eu entendesse:

-Natanael: E aqui tem bastante gente, a população é grande, mas não fica.

-Danilo: Não fica realmente por causa disso. Tem muita gente que fala: moço, meu lugar é bom de viver. É sossegado, é calmo.

-Natanael: Ó: é sossegado, não tem roubo, não tem nada, violência, não tem nada.

Álvaro, outro rapaz por mim entrevistado, tinha 23 anos. Era *nascido e criado* em comunidade do Vale do Peruaçu, do lado de Itacarambi, com os pais e quatro irmãos.

A gente sai a busca de emprego, porque o lugar da gente é fraco. E não tem como a gente ter um ganho melhor, e a gente a busca de um ganho melhor pra desenvolver. Então é o seguinte: as coisas são precárias no lugar da gente, a gente caça o recurso pra fora.

Esse rapaz *saiu* para *desenvolver* um pouco, *buscar uma possibilidade de uma vida melhor*. O seu *lugar* não permitia também *ganhar* todo mês, ficar todo ano no lugar, *garantindo o seu salário*. Santiago, 28 anos, irmão de Álvaro, completava:

É o seguinte: porque aqui o lugar é fraco, aí a gente vai pra fora, *buscar fora pra trazer pro lugar da gente*. Porque aqui é como eles estão falando aí: o lugar aqui não favorece muito. O lugar é muito fraco. Aí a gente sai pra fora.

O pai desses rapazes completou: “aqui é um lugar muito *fracassado* demais. É sem *conforto* nenhum. Caça um serviço pra trabalhar, não acha”.

### **3. Fraquezas**

#### ***Fraco de serviço***

Os irmãos Diego de 33 anos e Edgar, de 40 anos, foram *nascidos e criados* em uma comunidade na região do rio dos Cochos, em Januária. Eles e outros homens da localidade iam para a colheita de café no Alto Paranaíba porque não tinham *serviço*. Quando queriam alguma coisinha, tinham que *sair pelo mundo* mesmo; *ali* não tinha *emprego*. Não tinha emprego, não tinha dia de serviço. Diego disse que era preciso dar uma *saidinha pra fora, ficar um pouco longe da família, pra manter o sustento*.

Diego e Edgar também mencionaram que “para viver em cidade grande hoje, é preciso ter estudo”. Eles estudaram “até a quarta série”; hoje, o quinto ano do Ensino Fundamental. “Antigamente”, tinha que ir para a cidade para estudar, e o pai deles não tinha como pagar passagem para os filhos irem para

a cidade estudar. “Hoje”, segundo eles, “está bem mais fácil”, pois “o ônibus escolar passa dentro da comunidade para pegar as crianças”.

### ***Fraco de transporte***

Quando comecei a frequentar o Vale do Peruaçu, o transporte até à cidade era feito por seu Mendes, que cobrava 20 reais a viagem por passageiro. Depois de alguns meses, seu Mendes, que havia morado um tempo em São Paulo, decidiu vender o ônibus e voltar para aquele estado. Durante algum tempo, para deslocar-se até Januária, os peruaçuanos recorriam a alguns outros poucos moradores que dispunham de automóvel quando precisavam ir à sede de Januária ou à Itacarambi. Havia um dos moradores de outra comunidade do Peruaçu que tinha uma caminhonete e fazia sempre esse transporte. Ele cobrava 30 reais por pessoa.

Depois de um tempo, Joca, outro rapaz, conseguiu a licença do ônibus; estipulou em 15 reais o custo da passagem e posteriormente aumentou para 20. A volta da circulação do ônibus proporcionou enorme satisfação aos residentes naquelas localidades, pois barateou o preço desse deslocamento. Em um lugarejo rural de Itacarambi, havia dois irmãos que faziam transporte para Ribeirão Preto, uma vez por semana.

Hebe falou-me, em mais de uma ocasião, sobre as dificuldades de locomoção até às cidades de Januária e Itacarambi, sobretudo nos casos de acidente ou doença. Fretava-se um carro por 250 reais para ir à Januária e 150 reais para ir à Itacarambi. Comprar um carro era uma necessidade real de quem morava ali e não um supérfluo, pensava aquela agricultora.

### ***Fraco de saúde***

“Pega ele e leva, porque o Samu não pode ir, o Samu não atende na área rural”. Assim Vicência me narrou um episódio no qual seu Samuel acidentou-se

e coube a ela e ao seu marido prestarem socorro àquele senhor. Em meio a esse relato, Vicência compartilhava o desamparo sentido em relação ao acesso à saúde.

Minha amiga indignava-se com o descaso do poder público com os moradores das áreas rurais; considerava aquela negação em socorrer um homem ferido “uma falta de respeito”. E não havia precedentes do atendimento pelo Samu naquela região? De certo que havia. E não lhe explicaram com clareza o porquê de o Samu não poder ir atender aquele homem – ou a explicação não a convenceu.

Enquanto tentavam o atendimento da ambulância, em vão, havia mais de uma hora que seu Samuel sangrava. Foi quando Pinheiro, marido de Vicência, o levou, em companhia de dona Eduarda, a esposa, em seu carro, ao hospital municipal de Itacarambi. Uma vez atendido, aplicaram-lhe soro, deram-lhe medicação para dor. Disseram-lhe que como era final de semana, seu Samuel não poderia fazer uma radiografia para averiguarem com mais cautela se havia gravidade no ferimento. Apenas na segunda-feira o senhor acidentado pode submeter-se a uma radiografia. Descobriu-se que o osso havia trincado ou rachado, não sei ao certo.

Vicência seguiu contando: um *pau* (um galho, uma árvore) havia acertado à cabeça de uma tia, e ela morreu por causa do sangramento. A área rural carecia de serviços de saúde que atendessem satisfatoriamente sua população. Do mesmo modo, não havia disponibilidade frequente ou diária de transporte público a que pudessem recorrer para chegar a um hospital.

E quando as pessoas sentem-se mal, adoecem ou se acidentam, como faz? – perguntei-lhe. Era preciso que pagassem aos moradores que tivessem carros para serem levados à Itacarambi ou Januária. Embora Vicência não o tivesse mencionado nesse instante, acredito que, em alguns casos, esse socorro era prestado como favor entre uns e outros, sem que houvesse uma retribuição pecuniária. Talvez entre familiares e vizinhos de relação mais adensada.

Triste história também a da morte do filho de seu Lucas, ocorrida em março de 2015, e à qual Vicência atribuía a ausência de um atendimento

médico de urgência. O Samu encontrou-os no meio do caminho, pois os familiares do rapaz que passava mal, sem conseguir respirar, já haviam mobilizado um carro para socorrê-lo. “Eu sei que tem horas que a gente fica nervosa e com razão”, dizia-me aquela moradora.

Dona Patrocínio, mãe de Vicência, que até então assistia calada à nossa conversa, ajuizava: “aqui não tem um posto de saúde, só tem o lá de baixo; aqui não tem uma torre de telefone, aqui não tem uma torre de televisão. Tudo o que você quer é do próprio bolso que você tem”. De acordo com esta senhora, cada um devia de conseguir suas coisas individualmente. “Em conjunto”, apressou-se em assinalar Vicência. Tal complemento de imediato pareceu-me fazer jus ao discurso à importância dada por à noção de comunidade enquanto remetida à união e pertencimento.

Cada um deveria comprar sua própria parabólica, se quisesse assistir à televisão, dizia-me dona Patrocínio. Perguntaram-me se eu havia tido a chance de conhecer as escolas das comunidades rurais dali.

- Será que a comunidade tem que juntar também e fazer escolas pros filhos? E já veio essa proposta também. Para a comunidade construir a escola.

Construir ou reformar?, perguntei. Vicência respondeu-me que daria no mesmo, uma vez que as estruturas dos prédios escolares estavam tão danificadas que teriam de ser reconstruídas.

Vicência foi taxativa: ali não se tinha escolas, se tinha *umas taperas*. Ainda era preciso que ficassem gratos “a deus de colocar os meninos lá dentro”. Os pais preocupavam-se devido à debilidade das construções. As escolas tinham paredes e chãos rachados. E cada dia mais, a rachadura aumentava. O poder público atribuía as rachaduras aos tremores de terra ocorridos na região, muito embora não tivessem ocorrido recentemente. “Parou de tremer, mas ainda continua rachando”, sentenciou minha atenta interlocutora.

## ***Algumas considerações***

Neste texto, busquei trazer alguns elementos que constituem um fazer parte da experiência de ser *nascido* e *criado* no semiárido mineiro. No contexto mais amplo da problemática desenvolvida na tese, tenciono desenvolver esses elementos elencando-os com a criação do pertencimento entre aquelas populações rurais, do qual percebo ser parte importante os vínculos de parentesco, vizinhança, amizade. Trata-se de entender o processo de feitura/ruptura de vínculos; saídas, desaparecimentos, retornos, contatos perdidos, reencontros. Pretendo demonstrar que há uma experiência vivida e projetável que invoca multicorrelações para fazer/refazer/perfazer/desfazer o pertencimento enquanto retórica e enquanto prática (duas dimensões que não se pode afirmar que sempre e necessariamente se encontram).

O diálogo teórico da perspectiva por mim desenvolvida, se assenta, de modo mais fundamental, em quatro pilares: com Guedes (2013), para pensar a mobilidade espacial e as estabilizações; com Meyer (1979), reflito sobre a *fraqueza* de um lugar; faço ainda uma apropriação dos termos ‘storied knowledge’ e ‘meshwork’ de Ingold (2011) sobre o que traduzo aqui como fabricação de lugares, e por fim, e como chave argumentativa mais essencial, mobilizo a análise de Edwards (2000) relativa ao que a autora define como ‘born and bred kinship’ ou o idioma do parentesco ou o parentesco “nascido e criado”, em uma livre interpretação, para explicar as maneiras pelas quais as pessoas e as relações que estudei concebem o parentesco.

Meu objetivo é, a partir dessa espécie de bricolagem, elaborar uma formulação sobre as ideias dos sujeitos pesquisados a respeito de seus tempos *fora* e os tempos *ali*, no *norte*, enunciando as apreciações morais feitas em torno do que é uma vida boa e uma vida ruim.

Na esteira da proposição de Ingold (2011), em sua crítica ao modelo que preconiza certa “transmissão” da cultura, empenho-me em estruturar a análise não no sentido de “identificar” pertencimento dado, replicado, passado adiante, mas antes priorizar a reflexão sobre modos de construir, de criar pertencimento.



Jogo com a ênfase no fazer, no movimento, no que se faz e no que é feito para aceder ao pertencimento, bem como as suas vicissitudes.

A imagem da vila de Pedras, pesquisada por Meyer, e difundida por seus habitantes, enfatizava o *atraso* e a *fraqueza* do lugar. Além de um dispositivo discursivo, derivado de uma primeira aproximação com um elemento estranho à comunidade, como a pesquisadora, aquela imagem permaneceu ganhando força ao longo de um contato mais aprofundado com os informantes (Meyer, 1979, p. 53). O que a autora aponta, então, era que a vila de Pedras era considerada um lugar *atrasado, fraco*, que “não tem nada”. Era marcada pela precariedade, não apresentando os atributos idealizados das ruas “em sentido pleno” (cidades), tais como: variedade de oportunidades de trabalho, comércio diversificado, assistência médica, etc. Essa avaliação da vila tinha como referente mais geral as cidades próximas, mas principalmente a cidade-sede do município, centro para o qual afluíam os moradores da região, e em relação ao qual a vila era em grande parte dependente (Meyer, 1979, p. 54).

A leitura do estudo de Meyer (1979) forneceu-me pistas para elaborar aquilo que, ao longo dos oito meses de trabalho de campo realizados no norte mineiro, era descrito como *fraqueza, lugar fraco*. Sugeriu-me, em primeiro lugar, pensar *fraqueza*, ou, aquilo que se poderia contrapor à ela – a “robustez” (nunca assim formulada pelos meus informantes<sup>6</sup>) - menos em termos estáticos ou definitivos, mas sempre em relação. Pela mesma lógica, outras correlações estavam em jogo: não havia apenas lugares *fracos*, mas lugares *bons* e *sossegados*, e lugares *perigosos*. E lugares *fracos* podiam ser *bons* e lugares *bons* podiam ser *perigosos* e sem *paz* nem *liberdade*.

Em pensar a mobilidade – antes que a “migração”: ficar ou partir – *andar, correr, rodar, rasgar, sair por aí, abrir ou espalhar no mundo* – essa espécie de dilema ou tensão se colocou em algum momento da vida de muitos dos interlocutores de Guedes, em trabalho sobre Minaçu, norte de Goiás (2013, p.30). Na perspectiva nativa, as diferentes situações apresentadas possuíam um traço em comum: eram pensadas como formas de *andar, rodar, estar no mundo*

---

<sup>6</sup> Edwards (2011) faz ponderação interessante sobre o uso de ‘informante’ como sinônimo das pessoas que entrevistamos e cujas relações pesquisamos em Antropologia. Nos limites deste texto, não pretendo estender-me nesse debate. Mas a autora mencionada refere-se a ‘co-conversationalists’.

(ou no *trecho* dependendo das circunstâncias). O que o autor sugeriu é a existência de uma “tradição” em que o deslocamento e a mobilidade são “coisas da vida”. Em outras palavras, o deslocamento e a mobilidade são algo que se espera e se imagina que faça parte da *realidade* de todas essas pessoas (Guedes, 2013, p.31).

Considerando a mobilidade assim, afirma Guedes (2013, p.31) nos afastamos de certa visão que frequentemente permeia a ideia de “migração”: o pressuposto de que o deslocamento é fruto de acontecimentos excepcionais, a sedentariedade como a regra, e o movimento como a exceção, o acidental, algo secundário ou derivado em relação à estabilidade de quem fica no mesmo lugar. Do ponto de vista analítico, neste caso seria o movimento – e não a “permanência” – o que haveria de ser explicado.

Desta feita, o que pretendo, a partir do diálogo com Guedes é evitar a reificação de pertencimento como o previsto, como a permanência, como o “normal”. O que tenho pretendido mostrar é justamente contrário: a pertença, o vínculo não requer a imobilidade.

Pensando a concepção de parentesco em Bacup, uma cidade com passado industrial no norte da Inglaterra, Edwards (2011) propõe a noção de ‘born and bred kinship’:

That is, relatedness between persons is traced and symbolized in ways that might be described as belonging to the realm of the biological and the realm of the social; there are both given and forged elements in kin relations. But one (the biological) is not the substratum on which the other (the social) is constructed. Hence borrowing a Bacup idiom, but one not exclusively Bacupian, I call it Born and Bred kinship. This idiom juxtaposes what is perceived as an immutable place of birth, for example, with the effects of a variable upbringing. To be born, say, in a particular place, does not axiomatically make them kin (p. 28).

O trabalho de Edwards fornece a chave analítica principal do que eu procuro desenvolver: tantas vezes tendo ouvido *nascido e criado* no norte de

Minas, quais as implicações dessa maneira de conceber o lugar, a pertença, e tudo que isso envolve?

Ser *nascido e criado* em um lugar; ter uma família como *pedra fundamental*; ter *umbigo enterrado no chão*. Apesar da concretude metaforizada nas formulações, assumo que os lugares são feitos pelas relações; e não o contrário. A respeito, trago a proposição de Ingold de conceber os lugares menos como locações a serem conectadas, e mais como formações que se dão no processo de movimentar-se.

I purposefully use the word 'inhabit' here, rather than 'occupy', since (...) it is this mutual constitution of persons and places that distinguishes the process of habitation from mere occupation. The occupant takes up a position in a ready-made world; the inhabitant contributes through his or her activity to the world's ongoing regeneration. (...) places are not so much locations to be connected as formations that arise within the process of movement (Ingold, 2011, p.168)

Orientando-me por essa lógica, também me parecem fecundas as noções de 'storied knowledge' (ou conhecimento estoriado, em livre tradução) e 'meshwork' de que fala aquele autor, por realçarem a ação dos sujeitos na fabricação dos caminhos, do mundo e da vida (*idem, ibidem*, p.168).

Meyer (1979), em trabalho sobre uma comunidade rural pernambucana, analisa o que chama de desenvolvimento de uma consciência comum, de pertencer a um mesmo mundo (p. 15) e da delimitação de uma comunidade. Se é verdade que a comunidade não prescinde de uma base territorial, isto não significa que os seus limites sejam dados a partir dela. Pelo contrário, nos conta a autora: a própria delimitação espacial de uma comunidade existe enquanto materialização de limites dados a partir de relações sociais. Assim, nem sempre a proximidade física define a existência de uma proximidade social, e, inversamente, nem sempre a distância física determina a existência de uma distância social:

Nesse sentido, a configuração da comunidade no espaço só ganha significado quando percebida à luz de um sistema de relações sociais que articula não só os elementos internos à comunidade, mas também esses elementos àqueles que lhe são externos. Nessa articulação, a partir de um jogo de diferenças e semelhanças, identificações e oposições, são traçados limites que, muito mais do que limites meramente físicos, existem enquanto limites sociais (Meyer, 1979, p.16).

A análise de Meyer sobre perceber uma comunidade a partir do seu sistema de relações sociais, para além de procurar seus limites físicos, e o estabelecimento do jogo de diferenças e semelhanças, de oposições, inclusões, exclusões e diferenciações agrega uma perspectiva enriquecedora ao contexto que analiso, no sentido de entender a possibilidade de reprodução de uma “comunidade” – localmente situada no norte de Minas Gerais- nesse outro lugar (fabricado, juntando com a proposta ingoldiana): Ribeirão Preto ou Brasília, na medida em que fazer o tempo *fora* pode implicar no ancoramento naquelas e daquelas relações.

### **Referências bibliográficas:**

EDWARDS, J. **Born and bred. Idioms of kinship and new reproductive technologies in England.** New York, Oxford University Press, 2000.

GUEDES, A. D. **O trecho, as mães, os papéis. Etnografia de movimento e durações no norte de Goiás.** São Paulo, Garamond, 2013.

INGOLD, Tim. **Being Alive. Essays on movement, knowledge and description.** Routledge, 2011.

MEYER, D. R. **A terra do santo e o mundo dos engenhos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

NOVAES, R. B. **Gente de fora. Vida e trabalho dos assalariados do café em uma região de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2011.

PAIVA, V. (org.). **Igreja e questão agrária**. São Paulo, Loyola, 1985.

PALMEIRA, Moacir; ALMEIDA, Alfredo W. B. **A invenção da migração**. Projeto emprego e mudança socioeconômica no Nordeste (Relatório de Pesquisa). Rio de Janeiro, Museu Nacional/UFRJ (mimeografado), 1977.

PEREIRA, A. E. **Memorial Januária. Terra, rios e gente**. 2ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

RIBEIRO, E. A. M. (org.). **Histórias dos gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VIEIRA, S. Resistência e *Pirraça* na Malhada: Cosmopolíticas quilombolas no Alto Sertão de Caetité. **Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 2015.**